

O “MONSTRO” EM NARCÓTICOS ANÔNIMOS SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE DISCURSO

THE “MONSTER” IN NARCOTICS ANONYMOUS FROM A DISCOURSE ANALYSIS PERSPECTIVE

José Lamartine de Andrade LIMA NETO¹

Resumo: Este artigo investiga o estudo da recuperação da dependência química em Narcóticos Anônimos (NA) na perspectiva da Análise de Discurso, utilizando a metáfora do “monstro” como lente para a exploração de narrativas individuais e coletivas. NA fornece uma comunidade de apoio na qual os indivíduos coletam experiências, destacando a importância da partilha de histórias pessoais de superação contra a força avassaladora da dependência. A inclusão da visão da Psicologia busca identificar os mecanismos de modificação dos padrões de pensamento disfuncionais que influem diretamente nas crenças pessoais. A análise da palavra “monstro” no contexto da narrativa do membro de NA revela que as opiniões negativas são internalizadas e como essas opiniões podem ser reestruturadas ao longo da jornada de recuperação. A Análise de Discurso aprofunda a compreensão das narrativas, rastreando a evolução da palavra “monstro” e sua conotação ao longo do tempo. Ao entrelaçar esses elementos, este artigo ressalta a necessidade de abordagens integradas na recuperação da dependência. A metáfora do “monstro” emerge como uma representação multifacetada da jornada de recuperação, unindo linguagem, cognição e comportamento em uma narrativa de transformação.

Palavras-chave: Narcóticos Anônimos. Análise de Discurso. Recuperação.

¹ Professor do IFBA (Instituto Federal da Bahia). E-mail: joselamartineneto@gmail.com

Abstract: This article explores the study of addiction recovery in Narcotics Anonymous (NA) from a discourse analysis perspective, using the metaphor of the “monster” as a lens for exploring individual and collective narratives. NA provides a supportive community where individuals gather experiences, highlighting the importance of sharing personal stories of overcoming the overwhelming force of addiction. The inclusion of a psychological perspective seeks to identify the mechanisms of modification of dysfunctional thought patterns that directly influence personal beliefs. The analysis of the word “monster” in the context of the NA member’s narrative reveals how negative beliefs are internalized and how these beliefs can be restructured throughout the recovery journey. Discourse analysis deepens the understanding of the narratives, tracing the evolution of the word “monster” and its connotations over time. By interweaving these elements, this article highlights the need for integrated approaches to addiction recovery. The “monster” metaphor emerges as a multifaceted representation of the recovery journey, uniting language, cognition, and behavior into a narrative of transformation.

Keywords: Narcotics Anonymous. Discourse Analysis. Recovery.

| Introdução

Existem alguns temas que instigam fortes discussões e o tema do presente trabalho, que envolve as substâncias psicoativas ou drogas, é um deles, especialmente as drogas ilegais. Discussões como essas, sobre as ações do narcotráfico, a insegurança nas cidades, bem como criminalidade, corrupção pública, violência policial, miséria, ações de prevenção, controle social, repressão ao consumo, descriminalização ou legalização, dentre outras, fazem parte da agenda cotidiana do público geral e, por isso, é importante analisar seus contextos e desdobramentos.

Os efeitos das substâncias psicoativas são descritos por autores como Browne em 1646 (1909), Sertürner (1817), Niemann (1860), Planeta e Delucia (2009), mas é possível reconhecer que isso já foi tratado tanto nas histórias da Bíblia como na Odisseia de Homero.

Das psicoterapias atuais, adotamos a abordagem Moralidade/Doença, foco deste trabalho e pensamento presente na maioria das propostas de tratamento da atualidade.

Outro fator importante da constituição de NA é o fato de serem grupos sem profissionais acompanhando, uma vez que só participam aqueles que se identificam com a condição a ser tratada. Desta forma, cria-se no ambiente uma atmosfera de acolhimento. Por mais diversas que sejam as histórias de vida, todos têm alguma coisa em comum, a mesma “doença”, que os tornam iguais (Loeck, 2009).

Considerando que a maioria dos autores que tratou desse assunto não é integrante destes grupos, a organização NA tem sido divulgada sob a perspectiva de outros, mas acreditamos que os próprios integrantes dos grupos têm uma visão de si mesmos e de

sua organização que seria importante conhecer quando se procura avaliar sua atividade e eficiência de sua proposta.

Levando em conta o cenário descrito, este trabalho propõe discutir o papel do modelo terapêutico de Narcóticos Anônimos na superação da problemática das drogas, ilustrada pela fala de um membro de NA e, amparados em interpretações psicológicas de maneira a servir de ingredientes a serem analisados pela ótica da Análise de Discurso na perspectiva francesa, que é o referencial teórico adotado.

1. Estudos sobre drogas, as primeiras terapias

Um dos primeiros estudos científicos desenvolvidos sobre drogas foi realizado por um médico e farmacologista inglês chamado Sir Thomas Browne que publicou, em 1646, uma obra intitulada *Religio Medici* (Religião de um Médico), na qual discutia suas crenças religiosas e questões éticas. No livro, ele abordou o uso de ópio e seus efeitos sobre o corpo e a mente. Esse pode ser considerado um dos primeiros registros escritos de um estudo mais formalizado sobre uma substância psicoativa (Browne, 1909).

Além deste, também são pioneiros outros estudos importantes como o realizado pelo médico alemão Friedrich Wilhelm Adam Sertürner, que, em 1804, isolou o primeiro alcaloide conhecido, a morfina, do ópio, um marco significativo no entendimento das substâncias psicoativas e seus efeitos no corpo humano (Sertürner, 1817).

Outro estudo importante foi sobre o consumo de álcool na forma mais crônica do alcoolismo denominada “dipsomania”, termo criado por von Bruhl-Cramer em 1819. Em 1845, Jean Jacques Moreau lançou o livro *Du hashish et de l’alienation mentale* que depois se tornou um marco sobre o tema das drogas, revelando os efeitos do haxixe sobre o comportamento e psiquismo humano (Planeta; Delucia, 2009).

Convém citar a descoberta da cocaína, em 1859, pelo químico alemão Albert Niemann, extraída das folhas de coca, tornando-se amplamente utilizada em medicamentos e bebidas no século XIX, antes de se perceber seus efeitos nocivos.

Estes são alguns dos estudos seminais que buscaram identificar e caracterizar o problema e, em algum momento desta história, outras pessoas estavam tentando alguma forma de “cura” a partir de abordagem terapêutica.

Uma das primeiras abordagens terapêuticas foi o Movimento Temperança:

[...] que ocorreu nos EUA e em alguns países europeus ao longo do século XVII e principalmente do XVIII configurou-se como um marco de uma posição mais liberal com respeito ao uso do álcool para outra mais moralista, ligada à Igreja Protestante. Os frequentes bêbados eram questionados se não estavam desperdiçando a “boa criatura dos deuses”, contudo ainda assim eram tolerados

na sociedade. [...] Para Rush, os bêbados eram adictos a bebida e a dependência se dava de maneira progressiva e gradual (Silva, 2005, p. 43).

As psicoterapias contemporâneas mais disseminadas estão baseadas em modelos classificados em dois grandes grupos:

- 1) o modelo de tratamento biológico, baseado em psicofarmacologia que tem demandado muito investimento, estudos, pesquisas em laboratórios, e utilização de técnicas de neuroimagem;
- 2) os modelos baseados nos grupos de ajuda-mútua com a terapia em grupo em que a maioria está fundamentada nos 12 Passos concebida por Alcoólicos Anônimos (Lima Neto; Pereira, 2017, p. 92).

Quanto ao tipo de abordagem psicoterápica (Quadro 1), a variedade é maior, envolvendo psicologia na cognição e comportamento, psicanálise, medicina, sistêmica, psicossocial, com o binômio moralidade/doença e suas combinações.

Quadro 1 – Abordagem psicoterápica e forma de tratamento

ABORDAGEM	TRATAMENTO
Psicanalítica	Psicanálise por tempo indeterminado
Moralidade/Doença	Abstinência por meio de grupo de ajuda mútua (AA, NA, etc.) + recuperação da estrutura social
Médica	Abstinência acompanhada de tratamento farmacológico
Comportamental	Desabituação por meio de novo aprendizado
Cognitivo/comportamental	Reestruturação comportamental e cognitiva
Sistêmica	Reestruturação das relações familiares
“Combinação de modelos”	Modelo Matrix

Fonte: Adaptado de Rawson *et al.* (2006); Elkashef *et al.* (2008); Pechansky e Baldissotto (2014, p. 84-93)

Na perspectiva de NA, a abordagem se enquadra em Moralidade/Doença que reconhece a dependência como uma condição física complexa e multifacetada, em vez de apenas um problema moral ou de falta de vontade, ou seja, a dependência de substâncias é influenciada por uma combinação de fatores genéticos, biológicos, psicológicos, sociais e ambientais e por isso requerem tratamento adequado.

Os grupos de ajuda mútua de Anônimos têm como pressuposto de enorme valor terapêutico o compartilhamento de experiências, resultando no afloramento da afinidade e identificação entre pessoas acometidas pelo mesmo mal.

Outro fator importante da constituição de NA é o fato de serem grupos sem profissionais acompanhando, uma vez que só participam aqueles que se identificam com a condição a ser tratada. Por mais diversas que sejam as histórias de vida, todos têm alguma coisa em comum, a mesma “doença”, que os tornam iguais (Loeck, 2009). Sobre isso, Lima Neto e Pereira (2017, p. 92) explicam:

[...] em geral, a iniciação no uso de drogas se dá em um ambiente de socialização quando se estabelecem redes sociais. Com a continuidade do uso de drogas, o padrão de consumos para algumas pessoas muda, deixando os aspectos ritualísticos e socializantes, dando lugar a comportamentos individualizantes e/ou solitários. A interrupção do uso de tais substâncias também pode acontecer em contexto de redes sociais, através do retorno a um padrão de convivência mais íntima entre as pessoas, como nos grupos terapêuticos de ajuda-mútua, como ocorre em Narcóticos Anônimos.

Jandira Masur (2004) defende que a eficácia da recuperação é proporcional ao grau de dependência da substância. Segundo a autora, a experiência clínica demonstrou que o programa de 12 Passos é mais eficaz no tratamento de indivíduos mais comprometidos.

Considerando que a maioria dos autores que tratou este assunto não são integrantes destes grupos, NA tem sido divulgado sob a perspectiva de outros, porém, os próprios integrantes dos grupos têm uma visão de si mesmos e de sua organização que seria importante conhecer para avaliar a atividade e eficiência da proposta.

Entretanto, tal organização não nasce nem se perpetua apenas pela existência dos seus integrantes: ela está assentada em um sólido lastro de conhecimentos que fornecem diretrizes para a construção de redes de colaboração entre os membros e está assentada também no próprio conhecimento presente nos sujeitos que se enquadram em uma das muitas definições de ideologia.

Para procurar sentidos nos 12 Passos, usamos como interdiscurso os pressupostos da Psicologia Cognitivo-Comportamental, segundo indica Beck (1997), cuja base teórica repousa em dois princípios centrais:

1. As cognições atuam no controle das emoções e comportamentos; e
2. As ações e os comportamentos tendem a interferir nos padrões de pensamento e nas emoções.

Os estudiosos Beck *et al.* (1993) propuseram um modelo cognitivo novo e específico para quem usa substâncias psicoativas, considerando que nestas situações atuam estímulos, tanto internos como externos de alto risco. Segundo os autores:

[...] deve-se considerar quatro tipos de crenças que são importantes no campo da dependência do álcool e outras substâncias: as crenças antecipatórias [...]; as crenças de alívio [...]; as crenças permissivas, ou facilitadoras [...] e, por último, as crenças de controle que abarcam todas as crenças que diminuem a possibilidade do uso de tais substâncias (Scali; Ronzani, 2007, p. 4).

É possível que surja a pergunta: quais os comportamentos/sentimentos típicos das pessoas que desenvolvem dependência química e que poderiam ser transformados a partir dos 12 Passos de NA? Procurou-se responder a partir da experiência de NA e da literatura científica. Alerta-se que estas informações são genéricas e sujeitas a exceções. Respondendo, pode-se identificar comportamentos/sentimentos de negação e/ou minimização do problema, autossuficiência, autopiedade, culpa, além de se sentirem: “[...] iludidos, grandiosos, controladores, envergonhados, amedrontados, perfeccionistas, obstinados, arrogantes, buscadores de aprovação, defensivos, escapistas e sofredores” (Carnes, 2001, p. 127).

Narcóticos Anônimos funciona como uma espécie de ambiente terapêutico para uma vida mais saudável. Faz isso propiciando condições para mudanças nos pensamentos, cognições, crenças e comportamentos.

Percepção da realidade, sentido de limitação, confiança no outro, autovalorização, perdão, cura das ruínas, flexibilidade, honestidade, integridade, responsabilidade, entrar em contato consigo e testemunhar o caminho (Carnes, 2001, p. 127).

As histórias contadas por membros de NA, nos diversos espaços de reuniões e encontros de pessoas que passam por problemas semelhantes, refletem aquilo que os 12 Passos sugerem, mudanças. Primeiro no comportamento repercutindo nos pensamentos, cognições e crenças. Depois de experimentar as primeiras transformações, as mudanças passam a ocorrer também no outro sentido, dos pensamentos, cognições e crenças, refletindo no comportamento. Além disso, ocorre a renovação do compromisso público com a recuperação fortalecendo as novas crenças.

2. A Análise de Discurso na perspectiva francesa

A Análise de Discurso (AD) na tradição francesa possui princípios que são influenciados por diferentes teorias e escolas de pensamento. Dentre os principais representantes estão Michel Pêcheux, Michel Foucault e Jacques Lacan. Para este estudo sobre a fala/discurso de um membro de Narcóticos Anônimos, recorreremos à Análise de Discurso nesta perspectiva francesa.

Considerando o intuito de criar uma teoria do discurso como base de uma teoria das ciências sociais – na qual se articulassem a linguística, a psicanálise e o materialismo histórico – Michel Pêcheux propôs a Análise de Discurso (Pêcheux, 1990; Herbert, 1994).

Considerando que o materialismo histórico é uma teoria sobre a formação social composta de totalidades complexas cujas instâncias se articulam e considerando também que, nesta formação social, o componente ideológico não é um reflexo, mas uma parte funcional para que se reproduzam as relações sociais de produção, considera-se que a ideologia tem um papel de transformação, ocorrendo alterações nas crenças do sujeito. Para Pêcheux, as transformações implicam uma luta de classes, e esta: “[...] atravessa o modo de produção em seu conjunto, o que, no campo da ideologia, significa que a luta de classes ‘passa por’ aquilo que Althusser chamou de aparelhos ideológicos de Estado” (Ferreira-Rosa; Mesquita; Carvalho, 2011, p. 258).

Uma das teses de Althusser considera que a ideologia é a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência (Ferreira-Rosa; Mesquita; Carvalho, 2011, p. 259).

A outra tese defende que:

[...] a ideologia não é um ato de pensamento solitário do “indivíduo”, mas uma relação social que tem por objeto representações; e, além disso, que o objeto da representação não é a materialidade dos homens e da natureza, mas sim as relações sociais “reais”, isto é, as relações práticas que põem em relação os homens entre si e com a natureza (Althusser, 2003, p. 41).

O processo de transformação social tem relação com a luta de classes, sendo sempre contraditório, não simplesmente reprodutivista, mas um processo complexo. Além desta perspectiva materialista histórica da psicanálise, a Análise de Discurso toma a noção de sujeito descentrado para pensar o sujeito do discurso.

Em relação à linguística, a Análise de Discurso tem um olhar crítico que não se limita às regras sintáticas e semânticas de Ferdinand de Saussure² (Kemmer, 2013). Para Pêcheux (1990), o discurso está além da frase, da oração, da macroestrutura, da coesão, da coerência. O objetivo da teoria do discurso é compreender a determinação histórica, o nível semântico da linguagem, o problema da significação. Segundo Orlandi (2010, p. 15): “[...] na Análise de Discurso se procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

A Análise de Discurso (AD) não foca apenas a transmissão da informação e considera que esta transmissão se configura somente como um processo de relação linear de seus elementos constitutivos (emissor, receptor, mensagem, código, referente). A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. Não existe para a AD uma coincidência

2 Ferdinand de Saussure, linguista e filósofo suíço, cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência autônoma e que entendia a linguística como um ramo da ciência mais geral dos signos, que ele propôs fosse chamada de Semiologia.

entre discurso e fala que suporte a dicotomia Saussuriana entre língua e fala ou língua e discurso. Não se considera o discurso totalmente autônomo sem condicionantes linguísticos ou sem determinantes históricos. Por outro lado, a língua é assumida como possibilidades do discurso com uma relação de tensão entre eles, em cada prática discursiva (Orlandi, 2010).

2.1 O papel do interdiscurso

O conceito de interdiscurso refere-se à relação entre o discurso em análise e outros discursos presentes na formação discursiva. A AD francesa está interessada nas referências a outros discursos e nos efeitos de sentido gerados por essas relações. Já o conceito de intradiscurso diz respeito aos elementos linguísticos e discursivos internos ao próprio texto em análise.

Segundo Orlandi (2010, p. 33), o “interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”, isto é, é preciso que as palavras já façam sentido antes de serem usadas, ou seja, o que é dito (atualidade) deve estar no contexto do já dito (memória). Ainda segundo a mesma autora, citando Courtine (1984), quando diferencia interdiscurso de intradiscurso:

[...] o que estamos chamando de interdiscurso – representado como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação que, em seu conjunto, representa ao dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas (Orlandi, 2010, p. 32-33).

Aquilo que já foi dito pode ter um sentido diferente do atual e isso implica no esquecimento da fonte original em que foram absorvidos e fornece o anonimato necessário para o processo de produção do discurso. A existência de redes de sentido é determinada pela ideologia e pelo inconsciente, e isto faz com que nos afetemos mais com uns sentidos do que com outros. Isso fica por conta “[...] da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que existe na relação com eles [...] só uma parte do dizível é acessível ao sujeito pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras” (Orlandi, 2010, p. 34).

Assim, o discurso é composto de palavras que conversam com outras palavras formando metáforas.

2.2 A metáfora na Análise de Discurso

Segundo a professora de linguística Nair F. Gurgel do Amaral (2002, p. 10), Michel Foucault:

[...] problematiza sobre a ciência histórica, suas descontinuidades, sua dispersão, que resultará na abertura do conceito de formação discursiva, na discussão entre os saberes e os (micros) poderes, na preocupação com a questão da leitura, da interpretação, da memória discursiva. Foucault abordou o discurso, principalmente em *As palavras e as coisas* (1966); *Arqueologia do saber* (1969) e *A ordem do discurso* (1972) de onde vêm vários conceitos para a Análise de Discurso francesa.

Na definição de formação discursiva está a determinação do que pode ser dito em uma dada formação ideológica, sempre dentro de um momento sócio-histórico, ou seja, um interdiscurso regionalizado. O discurso, neste contexto, só faz sentido não por uma predeterminação linguística, mas dentro de uma formação discursiva específica. Daí resulta que as palavras só têm sentido se estiverem inseridas em uma formação discursiva própria, para assim darem vida às formações ideológicas através deste discurso (Orlandi, 2010, p. 42-43).

Assim, palavras e dizeres de hoje falam em relação às palavras e aos dizeres de ontem, que estão na memória. O sentido do discurso depende das relações construídas nas formações discursivas e pelas formações discursivas, por contradições, heterogeneidades, mudanças nas configurações etc., sempre em um processo de relação (Orlandi, 2010, p. 43-44).

Segundo Davela e Kirsch (2010) e Kemmer (2009), Saussure formula o conceito de signo, o signo saussuriano, entidade puramente psicológica que só existe enquanto operação de ordem psicológica simples. Em outras palavras, Saussure faz uma forte afirmação de que não é o pensamento quem cria o signo, mas o signo que determina o pensamento. Lacan inverteu o signo saussuriano, dando mais importância ao significante sobre o significado, permitindo que o significante passasse a ser autônomo que, quando se articula, deriva o significado, mecanismos que estruturam os discursos, ou seja, a metáfora e a metonímia.

Elemento fundamental na Análise de Discurso, a metáfora tem uso diferente da figura de linguagem da retórica. A metáfora na retórica considera que certos nomes pertencem às coisas. Exclusivamente na falta desse nome se pode recorrer a um termo figurado, até impróprio, para ocupar o espaço. No livro, Aristóteles (1998, p. 211) afirma: “[...] as metáforas são enigmas velados e nisso se reconhece que a transposição de sentido foi bem-sucedida”.

Na Análise de Discurso, a metáfora assume uma palavra por outra, transferindo significado ao sentido, ou seja, há sentido pela metáfora. O sentido de uma palavra ou expressão é substituído por outra palavra ou expressão. É através deste relacionamento que se promove a transferência (a metáfora), ou seja, as relações entre significantes resultando em sentido (Orlandi, 2010).

A seguir, veremos os determinantes históricos que permeiam os condicionantes linguísticos com suas contradições e amparadas em substrato ideológico que orientam o sujeito do discurso em Narcóticos Anônimos.

2.3 O nascimento de uma ideologia

Existe uma quantidade enorme de definições para “ideologia” e nenhuma que seja adequada e abrangente o suficiente para satisfazer as diversas correntes. As definições existentes se caracterizam por adotar toda uma “série de significados convenientes, nem todos compatíveis entre si” (Eagleton, 1997, p. 15).

Eagleton (1997, p. 15-16) lista uma série de significados para ideologia, então em circulação, dos quais alguns foram selecionados:

- a) o processo de produção de significados, signos e valores na vida social;
- b) um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social;
- c) ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- [...]
- g) formas de pensamento motivadas por interesses sociais
- h) pensamento de identidade;
- [...]
- k) o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo;
- [...]
- l) conjunto de crenças orientadas para a ação;
- p) o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural.

Para clarificar a forma como a ideologia é adotada por estas associações de Anônimos, é necessário recorrer à história que culminou na criação de Alcoólicos Anônimos (AA) e Narcóticos Anônimos (NA).

De nascimento multifatorial envolvendo pessoas, ideias povoando mentes e contextos se misturando até que convergissem a um ponto comum que propiciou a condensação na forma de valores, crenças e princípios compartilhados, conhecido como o Programa de 12 Passos, cuja origem é bastante anterior ao próprio nascimento dos grupos de AA e de NA e não nasceu pronta, mas a partir de fragmentos descritos a seguir.

Segundo Hobsbawm (1994, p. 224), em uma visão mais ampla, é importante destacar os movimentos de temperança do século 19 e do início do século 20. Naquela época, ocorria na Europa a disseminação do ópio pela *High Society* visto com bons olhos a ponto de considerar a droga como ampliadora dos talentos e virtudes. Ocorria também

uma espécie de epidemia de alcoolismo entre os trabalhadores europeus provavelmente como efeito colateral da primeira Revolução Industrial e a chegada da modernidade, porém, o alcoolismo era tratado como imoralidade da classe operária. Foi nesse cenário, visando moralizar os comportamentos, que ocorreu o espalhamento dos Movimento Temperança (Lima Neto; Ribeiro; Pereira, 2020, p. 45).

Outro destes fragmentos data do início do século XX quando Frank Buchman, um jovem pastor protestante da Filadélfia teve uma experiência espiritual transformadora. Naquela oportunidade, Buchman tinha ido à cidade de Keswick na Inglaterra para um evento religioso quando escutou uma explanação sobre a Cruz de Cristo e percebeu a grande diferença entre sua vida e a de Jesus de Nazaré. Foi aí que resolveu adotar padrões absolutos de “pureza”, “amor”, “honestidade” e “altruísmo”, fundando um grupo religioso integrado por muitos estudantes da Universidade de Oxford, que ficou conhecido como “Grupo Oxford”. O grupo cresceu e se tornou um importante movimento que, no intervalo de vinte anos, expandiu-se por vários países como Inglaterra, Escócia, Holanda, Suíça, África do Sul, Egito, Índia, China e América do Sul (Cardoso, 2006).

Mais um fragmento da história se junta a partir de 1931, quando o banqueiro e ex-senador de Connecticut, Roland Hazard, com sérios problemas com álcool, viajou para Zurique para se tratar com o psiquiatra Carl Gustav Jung. Tratando este paciente, já se sentindo desanimado depois de três anos, Jung deu-lhe um ultimato: para resolver este problema só uma experiência espiritual profunda. Quando Hazard voltou para os Estados Unidos, começou a frequentar os Grupos Oxford dando testemunhos, tentando ajudar a recuperar alcoólatras. Foi em uma destas reuniões dos Grupos Oxford escutando testemunhos que Bill Wilson, um corretor da Bolsa de Valores de Nova York, decidiu participar buscando uma solução para seu próprio alcoolismo (Cardoso, 2006).

Em mais um fragmento, Bill Wilson descreve quando, em uma de suas muitas internações, fez leituras para passar o tempo. Um dos livros permitiu entender o pensamento do Dr. William James, influente psicólogo americano:

[...] *Varieties of Religious Experience*, livro este que veio me conscientizar que a maior parte das experiências religiosas, as mais variadas têm um denominador comum que é o colapso do ego, a sua queda no maior desespero (AA Grapevine, 1963, sem paginação).

Como último fragmento antes da convergência, foram as conclusões do médico que tratou de Bill Wilson inúmeras vezes. O Dr. Silkworth intuiu que o alcoolismo:

[...] tinha dois componentes: por um lado uma obsessão que compelia o sofredor a beber, contra seu desejo e, por outro lado, uma espécie de dificuldade metabólica que ele chamava de alergia. A compulsão ao álcool garantia que o hábito de beber prosseguiria e a alergia fazia com que o sofredor entrasse em decadência, enlouquecesse ou morresse (AA Grapevine, 1963, sem paginação).

A convergência deu início quando em uma viagem de negócios à cidade de Akron, sentindo extrema necessidade de beber e não havendo nesta cidade nenhum Grupo Oxford, Bill Wilson buscou auxílio de diversas pessoas, inclusive pastores, todas indisponíveis. O único que se dispôs a escutá-lo foi um médico, Dr. Robert H. Smith – Dr. Bob, que também lutava para superar o alcoolismo. Ao conversarem sobre suas dificuldades com o álcool e com a vida, perceberam que o desejo de beber havia passado. Acharam que deveriam repetir este encontro no dia seguinte. E assim, em 1935, estes dois homens fundaram o Alcoólicos Anônimos (Burns, 1995).

A próxima etapa foi a especificação progressiva do modelo de funcionamento, juntando a experiência dos grupos Oxford, as palavras dos médicos e psicólogos com aquilo que funcionava melhor em Alcoólicos Anônimos, em que as etapas de crescimento moral e aperfeiçoamento humano foram sendo descritas resultando, finalmente, nos 12 Passos de Alcoólicos Anônimos, coletivamente aprovados como “Os 12 Passos do caminho da recuperação”.

O componente de religiosidade encontrado em vários “Passos” de AA/NA se deve, naturalmente, à influência sofrida nos seus primórdios.

Muitos anos depois de ter fundado os Alcoólicos Anônimos, Bill Wilson recebeu uma carta de Carl G. Jung. Era o ano de 1961 e a missiva termina com o trecho “a receita então é ‘*spiritus*’ contra ‘*spiritum*’”, num trocadilho entre os termos “espírito/espiritualidade” e “álcool”, que em latim também é nominado “espírito” (Burns, 1995).

Burns (1995, p. 33) explica:

[...] os Grupos Oxford queriam modificar o mundo modificando as pessoas, e utilizavam o que consideravam métodos dos primeiros cristãos para esse fim. Os ‘cinco procedimentos’ desse grupo foram adaptados aos Doze Passos posteriormente, e incluíram: (1) Entrega a Deus; (2) Ouvir a orientação de Deus; (3) Compartilhar essa orientação com outros membros; (4) Fazer reparação para as pessoas que tem prejudicado; (5) Depois de um exame cuidadoso, contar seus defeitos a outros (como testemunho de sua mudança ou como um método para livrar-se da culpa).

Neste sentido, a ideologia tanto AA como NA têm profundas raízes nas concepções de salvação defendidas pela ética protestante, ou seja, a salvação está relacionada com a santificação da vida cotidiana, buscando afastar o prazer imediato e espontâneo, substituindo-o pela satisfação futura através das “boas obras” (Weber, 2004).

Outro exemplo pode ser visto nos escritos de Donald Lazo (1989), um médico norte-americano, alcoólatra, que entrou em recuperação depois de conhecer os grupos de AA. Com a experiência adquirida à custa do próprio sofrimento, fundou a primeira comunidade terapêutica do Brasil tornando-se nome bastante conhecido na área de recuperação do alcoolismo.

Em 1953, os 12 Passos foram cedidos aos grupos de Narcóticos Anônimos devidamente autorizados por AA para que fizessem as adaptações necessárias para a condição de adicção (Quadro 2).

Quadro 2– Os 12 Passos de NA (exatamente como encontrados na literatura)

1º	Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.
2º	Vimos a acreditar que um Poder maior do que poderia devolver-nos à sanidade.
3º	Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos.
4º	Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.
5º	Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.
6º	Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
7º	Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.
8º	Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas.
9º	Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.
10º	Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
11º	Procuramos, através de prece e meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade.
12º	Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

Fonte: Narcóticos Anônimos (1993, p. 18-19)

“Os 12 Passos” fornecem indicações para os membros de AA e NA pautarem suas ações, para elaborarem um programa de revisão da própria vida, de suas condutas, comportamentos, visões, valores e crenças baseados em sugestões de autoajuste e, exatamente por isso, representam o foco de atenção, estudo e intervenção de uma das linhas da Psicologia, a Terapia Cognitiva-Comportamental, bem definida pela psicóloga Kelen de Bernardi Pizol (2012, sem paginação) como sendo aquela que:

[...] leva principalmente em conta as interpretações que cada um dá a si e aos acontecimentos para tentar entender e modificar suas emoções e seu modo de agir, esses são seus pilares centrais. [...] O foco principal da terapia está em como

os problemas (atuais ou não) interferem com sua vida diária, ajudá-lo a entender esses problemas e a desenvolver maneiras de lidar com eles.

Convém lembrar que, para a grande maioria da sociedade, estes comportamentos tornam estas pessoas possuidoras de um estigma, pois a sociedade é composta por diversas categorias de pessoas com "atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias" (Goffman, 1980, p. 5). Porém, segundo o mesmo autor tem um atributo:

[...] que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser – incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância [...] (Goffman, 1980, p. 6).

O grande desejo da maioria daqueles que estão em recuperação em Narcóticos Anônimos é, com o tempo, perderem o estigma de drogados, usuários de drogas, maconheiro, cocainômanos, sacizeiros, cracudo, malucos, e mais uma infinidade de adjetivos pejorativos que até então carregavam.

A ideologia destes grupos de AA ou NA se resume a ajudar pessoas com problemas com álcool ou drogas a se recuperarem por meio de um programa de 12 Passos, que são diretrizes para a recuperação pessoal. É baseada em princípios espirituais, admissão do problema, aceitação, responsabilidade pessoal e apoio mútuo através da conexão com outros membros que compartilham suas experiências, forças e esperanças para se manterem sóbrios ou abstinentes, não tendo afiliação com qualquer religião específica, governo ou agenda ideológica.

3. Análise de Discurso de uma fala de um membro de NA

3.1 Por que essa fala?

Diferentes perspectivas terapêuticas (psicológicas, psiquiátricas, psicanalíticas) reconhecem que é a imagem que o paciente faz de si mesmo a principal componente na condição de produção do discurso – com maior eficácia no tratamento da doença (Pêcheux, 1990). Além disso, na terapia também são relevantes os significados que podem ser produzidos da fala do paciente, isto é, a imagem que o terapeuta faz do que o paciente diz. Nesse sentido, trabalhar a discursividade relacionada com os textos (falas) de pacientes no processo de NA é interessante e legítimo.

Em um momento do processo terapêutico, que será descrito, se considerou interessante trabalhar com o seguinte trecho enunciado por um membro em uma reunião de NA. Disse C.J. (2015)³: “[...] ... não existe quantidade de drogas suficiente para satisfazer esse monstro que tem dentro de mim. Quando ele acorda está faminto. Não resta alternativa para mim a não ser mantê-lo dormindo”.

Segundo Felipeto e Calil (2008), é do encontro de Lacan com a Linguística de Ferdinand de Saussure que a ligação entre a psicanálise e a linguagem definitivamente se consolida. Os autores afirmam ainda que Saussure apresentou um estudo sobre as unidades linguísticas em que o signo se estabelece como uma entidade psíquica de duas faces, isto é, a união do conceito (significado) com a imagem acústica (significante). Quando Lacan se aproximou da linguística Saussuriana, pôde reconduzir a experiência psicanalítica em direção à fala e à linguagem. Desta forma, o significante se tornou autônomo e, da articulação entre eles, deriva o significado.

3.2 Quem é esse Sujeito discursivo?

São muitas e variadas as histórias de recuperação em Narcóticos Anônimos. É possível encontrar desde membros com poucos dias de abstinência até aqueles que conquistaram décadas em estágio avançado de recuperação sem uso de qualquer substância que lhes altere a percepção, o humor, o estado de consciência.

O sujeito, aqui denominado C.J., cujo discurso será estudado, é do sexo masculino, tem menos de 40 anos de idade, tem um filho adolescente e reside em um bairro de classe média baixa. Já fez uso de uma série de substâncias psicoativas (drogas), mas tem especial atração pelo *crack*, um estimulante poderosíssimo derivado da cocaína numa versão fumada com altíssimo poder adictivo (viciante). Quando fumado, esta substância psicoativa é transferida em questão de segundos das vias respiratórias para corrente sanguínea e daí para o cérebro, promovendo uma concentração elevadíssima de dopamina, mas com uma duração muito curta.

A cocaína (do *crack*) atua promovendo um bloqueio competitivo da recaptação de dopamina no cérebro, daí sua concentração nas fendas sinápticas dos neurônios do cérebro, gerando um aumento da ativação dos neuro receptores, decorrendo em uma grande sensação de prazer promovendo agudas alterações fisiológicas e comportamentais como: euforia, embotamento afetivo, mudanças na sociabilidade, hipervigilância, ansiedade, tensão ou raiva, julgamento comprometido, comportamentos estereotipados, funcionamento social ou ocupacional comprometido (Kaplan; Sadock; Grebb, 2006).

3 Projeto de pesquisa de doutorado submetido ao CEP (EE-UFBA) sob número CAAE: 48557415.0.0000.5531 e aprovado através do Parecer Consubstanciado nº 1.309.307 de 04 de novembro de 2015. Conclusão dos trabalhos submetidos e aprovados através do Parecer Consubstanciado nº 2.121.476 de 14 de junho de 2017.

O uso continuado dessa droga compromete alguns padrões comportamentais e cognitivos decorrentes da alta frequência de comorbidades, ou seja, patologias secundárias associadas, como os transtornos psicóticos, de humor, de ansiedade, de sono. Além disso, pode trazer danos fisiológicos no sistema vascular cerebral, convulsões, danos ao músculo cardíaco e morte. Mas o que o adicto busca é justamente o prazer intenso gerado pelo uso, sem sequer lembrar que existem riscos. Para os adictos que entram em recuperação, a recaída é um fenômeno relativamente comum, sempre carregada de fortes emoções e muitas perdas materiais, emocionais e espirituais, que se dá como um fenômeno medido em uma balança cognitiva. Quando o peso do uso perder vantagem em relação à abstinência, ou seja, quando as perdas, as dores e a desvantagem do uso de drogas chegarem ao ponto de serem expressivas, o usuário passa a considerar a possibilidade de parar de usar. Neste ponto, muitos iniciam a abstinência voluntariamente promovendo algumas tentativas, geralmente com baixo êxito, justamente por falta de adesão a um suporte terapêutico que os ajude na abstinência.

A história de recuperação de C.J. começa quando, já tendo experimentado drogas por mais de dez anos, finalmente ele conheceu a organização de Narcóticos Anônimos. Depois de mais de dez anos como membro de NA, tendo experimentado períodos de recuperação variados, intercalados com recaídas de cerca de 60 dias, sendo três anos o maior período contínuo sem uso de qualquer SPA.

Nos períodos de abstinência, C.J. frequentava as reuniões com regularidade, e prestava serviço voluntário. Fora da organização, foi se recuperando das perdas materiais, afetivas e emocionais, reconquistando o espaço profissional ora perdido, o apoio da família, a reinserção social, dentre outras.

Existe um padrão para suas recaídas e recuperações. Começa geralmente com sua reaproximação com pessoas, lugares e hábitos da época de uso. Estes elementos funcionam como gatilhos de recaída que gradativamente vão minando a determinação em se manter limpo.

A recaída é um processo doloroso e acompanhado de muito sentimento de culpa, remorso, sensação de fracasso e a certeza de que gerará sofrimento para as pessoas amadas, mesmo assim, parece ser inevitável. Acrescenta-se a perda de credibilidade com a família e no ambiente profissional, acompanhada de prejuízos financeiros e morais substanciais.

Começa uma nova fase de uso de drogas que, de uma forma muito rápida, atinge os velhos padrões de consumo mantidos antes de entrar em recuperação pela última vez, e avançam, como a continuação de um padrão e não o retorno aos primórdios “glamorosos” do uso quando ainda se tinha controle da situação.

O retorno à recuperação se dá quando são esgotadas as possibilidades de alimentar a relação obsessiva-compulsiva que existe com o objeto de prazer, no caso a droga. Isso se dá quando a continuação do uso gera uma angústia, uma agonia e uma dor tão insuportáveis para continuar que só restam duas escolhas: ou ultrapassar o limite dando o próximo passo em direção ao abismo da loucura ou da morte, ou então recuar em busca da reconquista da sanidade momentaneamente perdida.

Este é o sujeito discursivo, um membro de NA, dependente químico, que ilustra o seu mal com uma sentença narrada, e que simbolicamente ilustra os demais.

3.3 Quais os jogos de formações imaginárias?

A Análise de Discurso foi aplicada no enunciado desse membro de NA. Os jogos de formações imaginárias, quando aplicados no discurso de membros de NA, são muito importantes, já que nos fornecem pistas para o tratamento concreto do “paciente”. Para isso, usaremos uma informação colhida em uma reunião de NA ilustrada no item 3.1.

Na frase proferida por C.J. uma palavra que tem grande destaque é “monstro” e a tomaremos como ponto de partida, buscando relacioná-la com a questão original, ou seja, o papel de Narcóticos Anônimos como modelo terapêutico na superação da problemática das drogas.

Parafraseando Leite Junior (2007), nos questionamos: o que é esse monstro? Como é reconhecido por C.J.? Onde esse monstro mora? Por que ele deve temê-lo? Em que condição C.J. tem temor desse monstro?

Segundo Leite Junior (2007, p. 1), o conceito de monstro depende do período histórico e da cultura. Cada cultura cria seus monstros. Esses seres incríveis são uma marca explícita de algo fora dos pressupostos de ordem, do “natural”. Como diz o autor:

A monstruosidade é entendida como uma transgressão das leis estabelecidas, visando, através de sua presença, inspirar temores e dúvidas ou punir contra “infrações” [...] O importante é que “monstro” é aquele que “mostra” algo: uma revelação divina, a ira de Deus, as infinitas e misteriosas possibilidades da natureza ou aquilo que o homem pode vir a ser. É, portanto, a manifestação de algo fora do comum ou esperado [...] Representa uma alteração maldita ou benfazeja das regras conhecidas (Leite Junior, 2007, p. 1).

Emerge a necessidade de entendimento do que representa a palavra “monstro” e o que ela significa para NA, para o terapeuta e para o próprio membro de NA através dos jogos de formações imaginárias.

3.3.1 O primeiro jogo – é a imagem da palavra monstro

O *primeiro jogo* é a imagem do significado que tem a palavra monstro. Já não sendo mais os monstros mitológicos ou fantásticos de outrora, muito menos as deformidades ou conexões satânicas da idade média, o monstro da atualidade de C.J. está muito mais no enquadramento conceitual de normalidade, um arbítrio estatístico que classifica pessoas dentro de frequências de ocorrência. Logo, os usuários de drogas estariam fora da “normalidade” comportamental.

Neste padrão de comportamento “monstruoso” estão incluídos também os próprios pensamentos. Estes estão fixados obsessivamente em buscar meios e maneiras de usar drogas. São tão poderosos que não há forma de demovê-los, submetendo o adicto a todo tipo de situação que objetive conseguir mais uma dose, como se expor a situações perigosas, como sexo desprotegido, dirigir veículos sob efeito de SPA, roubar, mentir, se prostituir, dentre outras ações, violentando muitas vezes os princípios e os códigos de conduta que norteiam a vida nesta sociedade como honestidade, honra, caráter, caridade, fraternidade etc.

3.3.2 O segundo jogo de imagem – o “monstro” para NA

O *segundo jogo* de imagem é o significado de “monstro” para NA, como a reproduzida em sua própria literatura, que diz:

[...] parecia que éramos duas pessoas, e não uma – o médico e o monstro. Corríamos de um lado para o outro para recompor nossas vidas antes do próximo desvario. Às vezes, conseguíamos fazê-lo muito bem, mas depois tornou-se cada vez menos importante e mais difícil. Por fim, o médico morreu e o monstro assumiu [...] tivemos que chegar ao nosso fundo-de-poço antes de estarmos dispostos a parar (Narcóticos Anônimos, 1993, p. 5-7).

Assim, essa imagem (monstro) se constitui numa metáfora daquilo prescrito nos 12 Passos.

3.3.3 O terceiro jogo de imagem – visão do terapeuta

O *terceiro jogo* de imagem representa a visão do terapeuta. Considerando que toda substância não produzida pelo organismo humano capaz de gerar alguma alteração em seu funcionamento é considerada droga, algumas são capazes de alterar o comportamento, a capacidade de julgamento, a percepção e a maneira como o cérebro processa as informações que recebe do meio ambiente. Esta visão terapêutica pode se dar de, pelo menos, três formas diferentes. A primeira como uma quebra da autoimagem, reduzindo o sujeito ao “nível animal”. A outra forma de ver é a constatação do conflito interior, e dela também faz parte a alusão à batalha entre o *Médico* e o *monstro* como no clássico de Robert Louis Stevenson, de 1886, Dr. Jekyll e Mr. Hyde, com o distanciamento

de sua própria humanidade. E por fim é a constatação de que o “monstro vence” representando a morte daquele indivíduo que era capaz de controlar a própria vida, a vontade e a consciência.

3.3.4 O quarto jogo de imagem – a visão do membro de NA

O *quarto jogo* de imagem representa a visão do membro de NA, quando percebe que o que resta então é o monstro, a besta, algo que o conduziu ao chamado “fundo do poço”, condição de grande sofrimento psíquico, geralmente associado a inúmeras perdas materiais, afetivas, relacionais, profissionais.

Dentre as várias funções das reuniões de NA, está a troca de experiências e socialização, que propicia condições para o resgate de humanidades perdidas, vencendo seus próprios monstros interiores. A força do exemplo tem grande eficiência, é a palavra de alguém que, como Odisseu, esteve no inferno de “Hades” e saiu, fazendo referência ao clássico *Odisseia*, escrito por Homero no século VIII a.C. Isso fica mais claro em uma das crenças da organização quando diz que “Narcóticos Anônimos pode não ser as portas do céu, mas com certeza é saída do inferno”.

Além disso, estas reuniões, e os demais eventos de NA, permitem o estabelecimento de espaço de convivência entre pessoas que sofreram algum estigma da sociedade de forma arbitrária e discriminadora. Isto está presente no processo de formação ideológica do indivíduo, no preconceito que interfere na formação da autoimagem do próprio adicto mesmo antes do seu envolvimento com as drogas.

Então, o monstro surge a partir do reconhecimento dos comportamentos estereotipados, típicos de quem usa drogas de forma abusiva, sendo reforçado pelo interdiscurso de Narcóticos Anônimos, permeado através de seus textos e depoimentos nas reuniões de recuperação. O monstro nasce e vive no seio da sociedade que vai continuar sentindo pelo monstro “ódio e medo” (Leite Junior, 2007, p. 1).

| Conclusões

Em conclusão, a interligação entre Narcóticos Anônimos, Análise de Discurso e a sentença que contém a palavra “monstro” revela um complexo tecido de significados e implicações, em uma perspectiva multidisciplinar.

A Análise de Discurso como abordagem acadêmica examina como as palavras e as estruturas linguísticas são usadas para construir significados e representações sendo possível compreender como um termo carregado, usado para estigmatizar ou desumanizar pessoas com vícios (primeiro jogo de imagem – a palavra), perpetuando estereótipos negativos, pode ser utilizado para retratar as lutas, os desafios e os obstáculos enfrentados por indivíduos, especificamente os envolvidos com Narcóticos Anônimos na jornada de recuperação, transformando suas batalhas pessoais em narrativas de resiliência (segundo jogo de imagem – o “monstro” para NA).

A ênfase na identificação e modificação de padrões de pensamento e comportamento disfuncionais que caracterizam o “monstro” e, nesse contexto, foi examinada como uma representação das opiniões arraigadas que sustentam a dependência, oferecendo a oportunidade de desafiar essas crenças e distorções cognitivas para substituí-las por perspectivas mais adaptativas e saudáveis (terceiro jogo de imagem – visão do terapeuta).

A metáfora do “Monstro” encapsula sentimentos de auto aversão, culpa e peso das consequências passadas, ao mesmo tempo em que pode simbolizar a transformação positiva e a resiliência presentes nesse percurso de recuperação do controle das próprias vidas em um tipo de jornada do herói, quando enfrentam os próprios “monstros internos” e emergem mais fortes. Narcóticos Anônimos, como um espaço de apoio mútuo, oferece um ambiente no qual essas narrativas podem ser compartilhadas e reinterpretadas, permitindo que a palavra “monstro” transcenda seu aspecto literal para representar a luta coletiva e individual contra a dependência, evoluindo de uma conotação negativa para um símbolo de superação pessoal, a vitória sobre o monstro (quarto jogo de imagem – a visão do membro de NA).

Por fim, deve-se considerar como as palavras e os significados são construídos, desconstruídos e reconstruídos em contextos específicos, e como esses processos podem influenciar a percepção e a transformação individual e coletiva, ilustrando a capacidade humana de transformar a adversidade em força e o discurso em instrumento de poder.

| Agradecimentos

Antes de entrar no programa de Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional de Difusão do Conhecimento – DMMDC, do qual participavam a UFBA, IFBA, SENAI, UEFS, LNCC etc., fui aluno especial no DMMDC em 2012. Uma das disciplinas era sobre Análise do Discurso (AD) ministrada pelo professor Dr. José Luís Michinel do DMMDC, a quem sou grato pelas primeiras conversas sobre o tema “monstro” dita por membro de NA. Alguns anos depois, já no doutorado, tenho a satisfação de ter aquele membro de NA como participante da pesquisa, assinando todos os documentos exigidos pelo CEP – EE/UFBA e autorizando o uso daquela fala, desde que preservasse seu anonimato, a quem também sou imensamente grato.

| Referências

AA GRAPEVINE. *The Bill W. – Carl Jung Letters* (1963). Versão traduzida disponível em <https://www.aaconquista.org.br/bill-e-carl>. Acesso em: 20 jan. 2024.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 9. ed. Tradução Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

AMARAL, N. F. G. *Um pouco de humor na Análise de Discurso*: resgatando a subjetividade discursiva. Universidade Federal de Rondônia (UFRO), Centro de Hermenêutica do Presente. PRIMEIRA VERSÃO, Porto Velho, Ano I, v. III, n. 34, 2002.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

BECK, J. S. *Terapia cognitiva: teoria e prática*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BECK, A. T.; WRIGHT, F. D.; NEWMAN, C. F.; LIESE, B. S. *Cognitive Therapy of Substance Abuse*. New York: Guilford Press, 1993.

BROWNE, T. *Religio Medici*. The Harvard Classics, v. 4. New York: Collier (1643) 1909. Disponível em: <https://www.ccel.org/ccel/b/browne/religio/cache/religio.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2023.

BURNS, J. E. *O caminho dos doze passos: tratamento de dependência de álcool e outras drogas*. São Paulo: Loyola, 1995

CARDOSO, R. M. M. *Só por hoje: um estudo sobre Narcóticos Anônimos, estigma social e sociedade contemporânea*. 2006. 113 p. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Estudos Gerais. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/918/projeto/Dissert-ricardo-muniz-mattos-cardoso.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2013.

CARNES, P. J. *Um suave caminho ao longo dos Doze Passos*. São Paulo: Madras, 2001.

DAVELA, S. P.; KIRSCH, S. de A. C. Linguagem e psicanálise. *Revista Fronteira Digital*. Ano I, n. 01. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT, 2010. Disponível em: http://www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/artigos/fronteira_digital_n1_2010_art_5.pdf. Acesso em: 11 nov. 2022.

EAGLETON, T. *Ideologia. Uma introdução*. Tradução Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Ed. UNESP: Editora Boitempo, 1997.

ELKASHEF, A. M.; RAWSON, R. A.; ANDERSON, A. L.; LI, S. H.; HOLMES, T.; SMITH, E. V.; CHIANG, N.; KAHN, R.; VOCCI, F.; LING, W.; PEARCE, V. J.; MCCANN, M.; CAMPBELL, J.; GORODETZKY, C.; HANING, W.; CARLTON, B.; MAWHINNEY, J.; WEIS, D. Bupropion for the treatment of methamphetamine dependence. *Neuropsychopharmacology*, v. 5, n. 33, p. 1162-1170, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/sj.npp.1301481>. Acesso em: 11 nov. 2022.

FELIPETO, C.; CALIL, E. As marteladas do ato falho. *Revista Língua*, ano II – Especial Psicanálise & Linguagem, nov. 2008. Disponível em: http://www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/artigos/fronteira_digital_n1_2010_art_5.pdf. Acesso em: 11 nov. 2022.

FERREIRA-ROSA, I.; MESQUITA, D. P. C. de; CARVALHO, S. F. E. M. (Re)ler e (Res) significar Pêcheux em relação a Althusser. *Alfa*, Araraquara, v. 55, n. 1, p. 249-269, 2011.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009 [1969].

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008 [1972].

FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1966].

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

HERBERT, T. (M. PÊCHEUX). Observações para uma Teoria Geral das Ideologias. In: Rua, 1. Tradução Carolina Rodríguez-Alcalá. Campinas: Nudecri; Unicamp, 1994. p. 63-89. Edição Original: 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rua.v1i1.8638926>. Acesso em: 11 nov. 2022.

HOBBSAWM, E. *A era das Revoluções: Europa 1789 – 1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução, notas e comentários de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J.; GREBB, J. A. *Compêndio de Psiquiatria – Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. 7. Ed. São Paulo: Artmed, 2006.

KEMMER, S. Biographical sketch of Ferdinand de Saussure. *Foundations of Linguistics*. Rice University. 2009. Disponível em: <https://www.ruf.rice.edu/~kemmer/Found/saussurebio.html>. Acesso em: 02 dez. 2022.

LAZO, D. M. *Alcoolismo: o que você precisa saber*. São Paulo: Paulinas/REINDAL, 1989.

LEITE JUNIOR, J. O que é um monstro? *Com Ciência*. Revista eletrônica de jornalismo científico. 2007. Disponível em: <https://comciencia.br/dossies-73-184/web/handlerb45b.html?section=8&edicao=29&id=340>. Acesso em: 14 nov. 2024.

LIMA NETO, J. L. A.; PEREIRA, H. B. B. A Rede Social de ajuda-mútua de Narcóticos Anônimos: a relevância do prestígio, da centralidade de intermediação entre os membros. Las redes en los sistemas socio-ecológicos. *Revista Redes*, Espanha, v. 28, n. 1, 2017:. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/redes.665>. Acesso em: 04 dez. 2022.

LIMA NETO, J. L. A.; RIBEIRO, N. M.; PEREIRA, H. B. B. *Dependência química e grupos de narcóticos anônimos: um olhar sistêmico sob a perspectiva da teoria de redes*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

LOECK, J. F. *Adicção e Ajuda Mútua: estudo Antropológico de Grupos de Narcóticos Anônimos na cidade de Porto Alegre (RS)*. 2009. 157 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18357/000727239.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2022.

MASUR, J. *O que é toxicomania*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Texto Básico*. 5. ed. Chatsworth: NAWA, Inc., 1993.

NIEMANN, A. *Ueber eine neue organische Base in den Cocablättern*. Dissertation. Physik, Chemie und Praktische Pharmacie, n. 153, p. 129-155. 1860. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ardp.18601530202>. Acesso em: 04 dez. 2023.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2010.

PECHANESKY, F.; BALDISSEROTTO, C. F. P. Tratamentos psicoterápicos utilizados no tratamento de pessoas dependentes de substâncias psicotrópicas. In: *Modalidades de tratamento e encaminhamento: módulo 6*. 7. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/198396>. Acesso em: 04 dez. 2022.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

PIZOL, K. B. *Psicoterapia Cognitiva Comportamental para adultos, casais e adolescentes*. São Paulo. 2012. Disponível em: <http://www.psicoterapiacognitiva.com.br/>. Acesso em: 06 mar. 2011.

PLANETA, C. S.; DELUCIA, R. *Substâncias Psicoativas: dependência & estresse*. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

RAWSON, R. A.; MCCANN, M. J.; FLAMMINO, F.; SHOPTAW, S.; MIOTTO, K.; REIBER, C.; LING, W. A comparison of contingency management and cognitive-behavioral approaches for stimulant-dependent individuals. *Addiction*, n. 101, v. 2, p. 267-274. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1360-0443.2006.01312.x>. Acesso em: 04 dez. 2022.

SCALI, D. F.; RONZANI, T. M. Estudo das expectativas e crenças pessoais acerca do uso de álcool. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas* (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 14. fev. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762007000100004. Acesso em: 06 nov. 2022.

SERTÜRNER, F. W. A. *Ueber das Morphium, eine neue salzfähige Grundlage, und die Mekonsäure, als Hauptbestandtheile des Opiums*. Annalen der Physik. Hannover, n. 55, p. 56-89, 1817. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/andp.18170550104>. Acesso em: 23 jul. 2023

SILVA, D. S. *Gênero e assistência às usuárias de álcool e outras drogas: tratamento ou violência?* 2005. 97 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7684/7684_4.PDF. Acesso em: 04 set. 2023.

STEVENSON, R. L. *O médico e o monstro* (Dr. Jekyll e Mr. Hyde). Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Como citar este trabalho:

LIMA NETO, José Lamartine Andrade. O “monstro” em narcóticos anônimos sob a perspectiva da análise de discurso. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 86-109, dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em “dia/mês/ano”. <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v17i2.19710>.